

Journal do Domingo

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correpondentes; nas outras localidades de:

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno ou 52 numeroes, 24500 réis; Semestre ou 26 numeroes, 14500 rs.; trimestre ou 13 numeroes 100 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II — 7 DE MAIO DE 1882 — N.º 11 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeroes, 76000 réis; semestre ou 26 numeroes 46000 rs.; trimestre ou 13 numeroes 26000 rs.; avulso 200 rs

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. **Lino & Faro**, Rua do Ouvidor.

SUMMARY

GRAVURAS:—O marquez de Pombal, O grão-sacerdote de Nablus, lendo o pentateuco; Os forrageadores; O novo casino de Nice.
TEXTO:—Actualidades, por Pharis. As nossas gravuras, por P. C. O domingo historico, por A. O. Um duello de morte, por Gervasio Lobato. Rosicler, por Victor Narceu. Correspondencia. Horas d'ocio. Um passado tenebroso.

ACTUALIDADES

Anda por ahi muita gente indignada com esta successão de centenarios, que Lisboa deu agora em fazer.

Um amigo meu, empregado publico zeloso e cavalheiro *accompli* dizia-me ha dias aborrecido com estas festas:

—O' homem! Tudo isto modernices! Eu tenho sessenta annos e só agora no fim da vida é que vejo fazer centenarios a Camões e ao marquez de Pombal: no meu tempo nunca ninguem pensou em semelhante coisa! E olhe que no meu tempo havia homens de mais saber que hoje—o Garrett, o José Estevão, o Castilho, o Souto Maior, o Herculano, e nenhum d'elles pensava cá n'estes centenarios.

Modernices, tudo modernices!

E o meu amigo sentia-se profundamente indignado com todas estas festanças, e chego mesmo a receiar que elle adoça com o cortejo civico e a illuminação da rua da Prata.

Eu tratei quanto em mim coube de o consolar, de lhe ajudar a levar com paciencia estes centenarios a que não o acostumaram na sua infancia, mas assim mesmo, vi-o tão zangado, que tenho minhas desconfianças que estas enormes cargas d'agua que tem chovido, e que n'este momento acabam de me alagar, com uma falta de delicadeza que o inverno que passou nunca teve, digam lá o que disserem, são obra d'elle.

E' capaz d'isso e muito mais, oh! eu conheço-o bem!

Em todo o caso, seja ou não obra d'elle, esta chuva que está alagando Lisboa, pode prejudicar muito a gloria do marquez de Pombal, como já prejudicou na quinta feira os *passes* de Frascuelo.

Se assim fôr, eu lastimando-o muito por causa do illustre ministro do sr. D. José, d'esse bronzeo monarcha que alli jaz a cavallo na Praça do Commercio, não deixava de o apreciar sob o ponto de vista do pittoresco.

E' bom a gente ver de tudo: e depois de termos visto um centenario ao sol de junho, não seria mau ver um centenario á chuva de maio.

Euxameam-me o bico da penna n'este momento



O MARQUEZ DE POMBAL

multas phrases apropriadas ao caso, as grandes vantagens que sob o ponto de vista hygienico essa chuva traria para a população, mas não as escreveremos, e passamos com toda a seriedade a descrever os festejos que se preparam.

Vamos a isto, meus senhores, que é nosso sagrado dever de chronista, vamos a isto.

Meus senhores, os festejos com que Lisboa tenciona solemnizar o centenario do seu grande restaurador são... não se sabe ainda o que são.

Até ao momento em que escrevemos, uma hora e vinte cinco minutos da noite de quinta para sexta feira ainda não se sabe uma palavra acerca d'esses festejos.

As ruas da baixa estão já todas armadas, mas o programma ainda o não está.

Para tornar bem frizante a actividade enorme do marquez de Pombal, o governo tem levado muito mais tempo a construir esse programma do que o marquez levou a reconstruir Lisboa.

E um acto digno de todo o louvor, uma maneira de commemoração muito delicada e mimosa, que de certo hade encher do mais nobre orgulho a alma do grande marquez.

E temos muitas desconfianças de que esse programma descarrilou e já não entra nos *rails* sem a ajuda d'um novo marquez de Pombal!

Pelos geitos que vemos, o programma apparecerá depois das festas, que é para os habitantes da provincia, já que não podem ver as festas porque não sabem quando são, possam ao menos saber o que ellas foram.

Cada um sente os seus males, e nós sentimos a falta d'esse programma, que causa um grave transtorno á nossa chronica.

Era nosso dever fallar-lhes das festas do centenario, mas cremos que a ignorancia profunda em que estamos nós e o paiz acerca d'essas festas nos poupa a outra qualquer desculpa.

Podiamos dizer-lhes que a rua da Prata está cheia de arcos, que na Avenida da Liberdade se está fa-

zendo uma tribuna para a inauguração do monumento ao marquez de Pombal, que a rua do Ouro está ladrilhada de candieiros, e outras coisas importantes, como por exemplo, que em frente da Boa-Hora se está armando um corêto; mas a este punhado de bellas novidades, todo o leitor teria uma pergunta muito justa, muito logica:

— Mas para quando é isso? Para que serve isso?

Para que serve? O governo ou a commissão dos festejos ainda nos não disse para que isso servia, e teriamos que ficar calados, imbecilmente, ante essa pergunta sagrada, e por isso não damos nenhuma d'essas novidades.

Assumptos para a chronica temos aos mil: podiamos fallar-lhes do beneficio do Tabora, esses beneficios que são todos os annos pela pompa e enthusiasmo da festa, verdadeiros centenarios do grande actor; mas ensinem-nos a maneira de no dia 7 de maio de 1882 fallar em Lisboa d'alguma coisa que não seja marquez de Pombal, sem nos apontarem a dedo como peregrinos do Sameiro?

Não descobrimos essa maneira, e para não ficarmos desacreditados aos olhos da humanidade, a unica coisa que temos a fazer é pôr na nossa chronica ponto e

PHARÈS

AS NOSSAS GRAVURAS

o marquez de Pombal

O grande estadista, cujo centenario agora se celebra, nasceu em Lisboa, na rua Formosa a 13 de maio de 1699. Teve uma juventude tumultuosa, que terminou pelo seu casamento romanesco. A mulher que amava, D. Thereza de Mendonça e Almada, como a familia recusasse ligal-a com Sebastião José de Carvalho e Mello, saltou pela janella e foi casar com elle. Não impediu esse escandalo que o futuro marquez fosse despachado ministro para Londres, cargo elevado onde começou a manifestar o seu talento e a sua energia. Isso e o desgosto que teve com a perda de sua mulher, que falleceu em Londres em 1739, fizeram com que fosse transferido para Vienna d'Austria, cidade onde se tornava indispensavel a presença de um diplomata habil, que servisse de medianeiro entre a curia romana e a côrte austriaca, encargo de que o illustre ministro se desempenhou com summa habilidade.

Em Vienna casou com a filha do marechal Daun, e, voltando a Portugal por exigencias da sua saude, achava-se em Lisboa em 1730 quando falleceu D. João V. A influencia da viuva d'el-rei, princeza austriaca e por conseguinte affeicoadã à sua patria, mulher de Sebastião de Carvalho, fez com que este entrasse no ministerio do novo rei. O incendio do hospital de Todos os Santos pôz logo em relevo a actividade e a energia do ministro. Não tardando a adquirir uma influencia preponderante, immediatamente foi tomando uma serie de providencias mais ou menos acertadas, mas que denunciavam sobretudo um espirito systematico e um genio reformador. Prohibia a exportação do numerario, reduzia os direitos do tabaco e do assucar e simplificava a sua cobrança etc., etc.

Estava tratando d'estes multiplicados assumptos, quando veio a tremenda catastrophe do terremoto de Lisboa, em 1755. A promptidão das suas medidas, a energia com que reprimiu os bandidos que assolavam Lisboa, com que tratou, sem perda de um instante, da reedificação da cidade, dêram-lhe uma au-

thoridade enorme. Então caminhou desassombadamente na senda das reformas. Para isso não hesitou em quebrar com uma energia verdadeiramente selvagem todas as resistencias: as do povo, reprimindo ferozmente o insignificante motim dos portuenses contra a companhia dos vinhos; as da nobreza, punindo com incontestavel barbaridade e crueza a tentativa de regicidio dirigida contra el-rei D. José; as do clero, expulsando os jesuitas, suspendendo as suas relações com a côrte de Roma e expulsando o nuncio, prendendo o bispo de Coimbra, chefe da seita dos sigillistas, exilando o inquisidor-mór, irmão bastardo d'el-rei, e reduzindo a Inquisição a ser apenas um humilde tribunal civil. Ao mesmo tempo mostrava uma grande energia diplomatica, restabelecia o prestigio das armas portuguezas chamando o conde de Lippe, que reorganizou o exercito e que sustentou com felicidade a campanha de 1762 contra a Hespanha. Depois transformava completamente a face do paiz com as suas incessantes e multiplicadas reformas. Recompensava o rei os seus serviços, dando-lhe successivamente os titulos de conde de Oeiras e de marquez de Pombal; mas, quando D. José morreu, todos os odios que o governo energico do marquez excitara nas classes que esmagava, se levantaram contra elle, e, se um supplicio infamante não foi a recompensa que D. Maria I deu ao ministro, que lhe entregava florescente o reino que recebera de D. João V no ultimo grau de decadencia, foi porque recebeu envolver na condemnação dos actos do ministro a memoria do rei seu pae.

Exilado para a sua quinta da villa de Pombal, perseguido por um processo odioso que lhe foi mandado intentar e que tinha de ficar sem outro resultado que não fosse o de humilhar e desgostar profundamente o velho marquez, este, expiando em cinco annos de agonia todas as culpas que teve e purificando assim a grande obra do seu governo, que muitas nodoas de sangue manchavam, falleceu afinal a 8 de maio de 1782, com oitenta e tres annos de idade. A sua robusta constituição faria d'elle um macrobio, se os desgostos dos ultimos cinco annos da sua vida lhe não houvessem aquebrado as forças.

Resumâmos agora n'um rapido esboço a noticia das grandes reformas emprehendidas pelo marquez de Pombal.

Protegeu eficazmente a industria, levantando a decaida fabrica de sedas que D. João V fundára, subvencionando e desenvolvendo as industrias de chapellaria e relojoaria, fez sair quasi do nada a fabrica de vidros da Marinha Grande e a de papel da Louzã, tomou a iniciativa do fabrico da porcelana, protegeu a industria das lãs e fundou a magnifica fabrica real da Covilhã, favoreceu muitissimo a agricultura, mas de um modo demasiadamente despotico, mandando por exemplo, arrancar as vinhas do Riba-Tejo para ter produção cerealifera. Para desenvolver o commercio, creou a aula do commercio e fundou umas poucas de companhias.

Na administração civil e economica do paiz operou maravilhas, dando o primeiro passo para a liberdade da terra, supprimindo os morgados insignificantes, regulando-lhes a successão e não consentindo que se instituissem senão morgados opulentissimos, declarou livres todos os escravos que nascessem ou pozessem pé no continente de Portugal, emancipou os indios do Brazil, acabou na India com a distincção entre christãos-novos e christãos-velhos.

Com o clero procedeu energicamente, expulsando os jesuitas, impedindo as profissões demasiado numerosas de frades e de freiras, dando a inquisição o regimento que a annullava completamente; na ins-

trucção publica reformou a Universidade, pondo-a a par dos estabelecimentos scientificos d'esse tempo no estrangeiro, creou a aula de desenho e o collegio dos Nobres, fundou a instrucção primaria portugueza tão solidamente que ainda hoje não demos um passo para diante do que fez, desenvolveu a instrucção secundaria, aproveitando para isso largamente as ordens religiosas, refundiu completamente a legislacão acabando com os arestos absurdos, com os recursos aos commentadores etc., ordenou que o direito canonico apenas regulasse as materias espirituales. Com o Erario introduzindo ordem e methodo na administração da fazenda, creou no conselho de Fazenda um tribunal de contencioso financeiro, administrou com tanta economia que não precisou de recorrer a emprestimos, reorganizou admiravelmente o exercito com auxilio do conde de Lippe, fortificou Elvas de um modo assombroso, deu impulso à marinha e soube apreciar e chamar ao ministerio, Martinho de Mello e Castro, que à marinha portugueza prestou depois tão relevantes serviços, e occupou-se com zelo das colonias, accrescentando o nosso dominio oriental com as Novas Conquistas, o nosso dominio africano com as ilhas de Bissau etc., etc.

De todos os chefes de governo que no seculo XVIII iniciaram em todos os paizes da Europa as reformas que a opinião publica reclamava, foi sem duvida o marquez de Pombal o mais audacioso.

Como estadista, Frederico II da Prussia é um grande organisador, José II da Austria, Fiorida Blanca, Turgot, Malesherbes são reformadores sinceramente desejosos do bem, illuminados pela luz da nova philosophia e pelo amor da humanidade; mas o marquez de Pombal é mais do que tudo isso, é a encarnação no governo, a encarnação na dictadura, da revolução que se aproxima.

o Grão-Sacerdote de Nablus lendo o Pentateuco

A cidade de Nablus, situada na Palestina, quasi no sitio onde se elevava outr'ora a antiga Sicheim da Biblia, comprehende 14:000 habitantes, quasi todos mahometanos, á excepção de uma pequena comunidade samaritana.

N'este sitio da terra pode-se dizer que têm sido continuado o mesmo culto sem interrupção atravez dos seculos, e que, desde a criação do mundo, alli é adorado o Deus dos hebreus.

Esta pequena comunidade samaritana possui um exemplar em pergaminho dos cinco livros de Moysés, um dos mais antigos manuscritos do Pentateuco que existem. Dizem os samaritanos que foi escripto por Abishua, trineto de Moysés, e conservam-n'o enrolado em varetas, e debaixo de uma capa bordada, n'um cofre de metal precioso.

Carl Haag, o auctor do quadro que a nossa gravura representa, visitou, durante a sua viagem à Palestina, a synagoga dos Samaritanos em Nablus, e impressionou-o vivamente a magestosa presença e a bella physionomia do grão-sacerdote Amran.

Pediú e obteve licença para armar o seu cavallete na synagoga, e o proprio grão-sacerdote se offereceu para servir de modelo, com o seu traje sacerdotal, e com o Pentateuco na mão.

Esta obra portanto não só tem um grande valor historico e artistico, mas é tambem completamente authentica.

Os Forrageadores

O auctor do quadro, o inglez Carl Beavis, foi evocar para o seu quadro uma scena das guerras do seculo XVII. Então esses bandos de soldados aventure-

reiros, que constituíam em grande parte a força dos exercitos, apenas tinham um momento de descanso, debandavam pelos campos, e lá iam elles forragear, quer dizer roubar tudo quanto encontravam que lhes conviesse. A gravura representa-os no momento em que apanham um rebanho de bois e de carneiros, que não se rendem sem protesto, porque elles lá vão enxotados pela lança dos *reitres*, mas balindo e mugindo para ver se o dono lhes accode.

Diz-lhes o instincto que esses soldados de feroz aspecto não os vão conduzir a algum curral em que os espere a farta alimentação e a boa cama de feno, ou a algum aprisco agazalhado e quente.

Nas nossas guerras de fronteira com a Hespanha, o roubo dos gados constituia a expedição militar mais frequente, e, percorrendo-se o *Portugal restaurado* ou a historia da guerra da successão, ver-se-hão todos os annos narradas invariavelmente umas expedições hespanholas e portuguezas, que tinham por unico fim e por unico resultado transportar para Hespanha umas mil cabeças de gado portuguez, e para Portugal umas mil cabeças de gado hespanhol. Dir-se-hia que entendiam os nossos antepassados que lhes ficava mal, em tempo de guerra, comer vacca que não fosse a vacca do visinho.

Mas civilisou-se a guerra, por acaso, como por ahi se diz? Não, organisou-se simplesmente. Em vez de se roubar ao acaso, rouba-se com regra, em vez de se ir á forragem, fazem-se requisições, e sempre se arranja, além das requisições, um supplementinho extra-official. Que differença ha entre o elmo d'esses *reitres* de 1640, e o capacete dos hulanos prussianos de 1871?

O Novo Casino de Nice

Nice, a antiga cidade italiana, hoje franceza, a formosa capital do departamento dos Alpes Maritimos, um dos dois torrões de assucar com que Napoleão III quiz que lhe pagassem a sua intervenção a favor da unidade italiana, Nice é uma verdadeira cidade de prazer. O seu clima suavissimo, a doçura do seu céu, a suavidade do mar que lhe banha as praias com as vagas tão azues como o firmamento que ellas reflectem, tudo contribue para fazer d'esta cidade o sitio predilecto em que os ricos habitantes dos paizes frios da Europa procuram passar o inverno. O «Inverno ao Sol» é o titulo pittoresco dado pelos jornaes francezes á secção que reservam para as suas correspondencias de Nice.

Nice tem realmente todas as condições para o desempenho d'esse papel: uma situação pittoresca, um clima suavissimo, montanhas dispostas em torno d'ella no mais gracioso dos amphitheatros, bonitas ruas, casas deliciosas, praças magnificas, passeios encantadores, os primeiros hotéis do mundo, e uma administração bastante habil para tornar a residencia de Nice o mais agradável possível para os estrangeiros.

Estes habitam de preferencia o bairro da Cruz de Marmore, bairro de nova construcção, onde abundam as casas elegantes, pintadas a fresco e rodeadas de jardins, os lindos *squares*, e onde se encontra tambem um excellente caes e uma praça adornada com elegantes arcarias.

Nice tem 50:000 habitantes, que vivem quasi todos da exploração amavel do estrangeiro. A sua industria é das que existem sempre n'estas cidades muito frequentadas por estrangeiros, uma industria de curiosidades: objectos fabricados com as conchas da praia. As mulheres são gentilissimas e occupam-se principalmente d'esses trabalhos quando não tra-

tam de servir os estrangeiros. Os homens pescam o delicado peixe do Mediterraneo, ou cultivam as vinhas dos arredores, que produzem vinho excellente.

Os arredores, como dissemos, são deliciosos. O campo inundado de sol, deslumbrante de verdura, recamado de flôres que exhalam balsamicos perfumes, é sulcado por pittorescas quebradas, accidentado por collinas arborizadas, animado por milhares d'essas deliciosas casas de campo que em Italia se chamam *villas*. Cimiès e as suas ruinas romanas, S. André e a sua gruta, o valle de Maynan, o monte Calvo, o Tubie, Ville-Franche, a abbadia de Saint-Pons, são outras tantas localidades interessantes para o viajante, para o naturalista e para o antiquario.

A administração d'essa florescente cidade, com o desejo de augmentar ainda os encantos que attraem a Nice numerosos estrangeiros, deliberou ha dois annos construir um novo Casino, em condições que tornassem facil o darem-se alli festas de um character original e pittoresco. Para isso lançam pelo mar dentro uma *jetée-promenade*, como elles dizem, uma especie de ponte que termina n'uma immensa plata-forma sobre estacas, onde se levanta um palacio delicioso. Desce d'essa plata-forma á flor das aguas uma escada, em cujos ultimos degraus podem desembarcar os passeiantes dos hiates de recreio. Lá dentro, no palacio em torno do qual corre uma galeria coberta a servir de passeio, e d'onde deve gozar-se em noites de luar uma vista maravilhosa, ha a sala dos concertos, dos bailes e das representações theatraes, ha o «restaurant», a sala do bilhar, e a sala das festas é rematada n'uma cupula elegantissima.

Por baixo da plata-forma ficam os estabelecimentos de banhos do mar, com uma elegancia até hoje desconhecida em Nice.

Esse Casino e a sua *jetée-promenade* não sabemos se estão já completos e abertos ao publico. Em 1880 foi a sua construcção adjudicada ao engenheiro James Brunlees, com a condição de o terminar no prazo de dois annos. Esse prazo termina por conseguinte no anno q e vae correndo de 1882.

P. C.

O DOMINGO HISTORICO

7 de maio de 1829. — São enforcados no Porto dez liberaes

A liberdade de que hoje gosamos e que muitas vezes tão mal apreciamos, naturalmente porque costumados desde o berço a essa luz vivificante mão fazemos bem idea do que passaram nossos avós: no meio das trevas do absolutismo e do obscurantismo, custou muitas victimas para se estabelecer no nosso paiz, e essa arvore frondosa, á sombra da qual hoje podemos descansar, só cresceu e se desenvolveu depois do solo estar ensopado com o sangue de muitos martyres.

Ficaram uns mortos nos campos da batalha, perderam outros a vida no fundo de lugubres masmorras, exhalaram outros o ultimo alento na forca e entre estes ultimos se contam os dez liberaes que foram executados na Praça Nova da cidade do Porto, no dia 7 de maio de 1829.

Foram elles: Joaquim Manuel da Fonseca Lobo, tenente-coronel de caçadores 11, Francisco Silverio de Carvalho Magalhães Serrão, fiscal do contracto do tabaco em Aveiro, Francisco Manuel Gravitdo da Veiga, desembargador dos aggravos da Casa de Supplicação, Manuel Diniz Nogueira, advogado no Porto, José Antonio de Oliveira Silva Barros, gguarda-li-

vros do contracto do tabaco e saboaria, Clemente da Silva Mello Soares de Freitas, juiz de fóra da villa da Feira, Victorio Telles de Medeiros e Vasconcellos, José Maria Martiniano da Fonseca, bacharel em leis, Antonio Bernardo de Brito e Cunha, contador da real fazenda, Bernardo Francisco Pinheiro, capitão de ordenanças da villa da Feira.

Alguns dos supplicados haviam effectivamente trabalhado para que a revolução de 16 de maio do anno anterior triumphasse; é certo, porém, que outros pouco ou nada haviam concorrido para esse movimento e subiram ao cadafalso unicamente por serem affectos ás idéas e principios liberaes.

Não contentes com a morte, os executores da justiça levaram mais longe o seu furor. Depois de mandarem cortar as cabeças d'esses infelizes, deixaram ficar duas nas forcas e ordenaram que as restantes fossem collocadas, uma no largo da Cordoaria do Porto, outra na Foz, tres levadas para Aveiro, duas para a villa de Feira e uma para Coimbra.

O dia 7 de maio foi um dia de lucto para a cidade do Porto, e ainda hoje os que viviam n'esse tempo se recordam com horror do drama sanguinolento com que os sectarios do absolutismo queriam aterrar os liberaes.

A. O.

UM DUELLO DE MORTE

(Conclusão)

No dia immediato ás seis horas da manhã, Polydoro estava á porta de Malaquias com um *coupé*. Dentro do *coupé* iam n'uma caixinha dois *revolvers* americanos, carregados, que Polydoro comprára na vespera.

O Malaquias desceu, com a sua *toilette* de campo muito alegre, muito expansivo, de muito bom humor, mettu-se no trem, e o *coupé* partiu.

Malaquias fallava muito, contava anedoctas, relembrava facecias dos seus tempos. Polydoro sorria de vez em quando, mas ia concentrado, frio, meditando.

Amadurecia no seu espirito o seu plano sinistro.

— Chegavam a Cintra, pensava elle, e antes de almoço iam dar um passeio pela serra, ahi, n'um sitio bem deserto, pegava n'um dos *revolvers*, apontava-o ao peito do Malaquias, e dando-lhe o outro dizia-lhe — «Defende-te! um de nós hade ficar aqui!» E a sorte das balas decidiria qual d'elles havia de ir comer o almoço preparado para ambos no hotel.

Chegaram. Apearam-se na Lawrence, escovaram-se, lavaram-se, e enquanto se preparava o almoço, o Polydoro disse a Malaquias:

— Vamos dar um passeio á serra?

— Para abrir o appetite, hein? Vamos lá responder o Malaquias.

Polydoro pegou na caixa dos *revolvers* e foi.

Quando chegaram a meio da serra o Malaquias perguntou-lhe:

— Que diabo trazes tu ahi n'essa caixa, que ainda não largaste?

O Polydoro empallideceu, e abrindo a caixa balbuciou:

— São dois *revolvers* que comprei hontem!

— Oh! e são bem bonitos! Logo dois! Ah! já sei, um é para mim!

— E', tartamudeou Polydoro.

O Malaquias pegou no *revolver*.

— Olha que está carregado, disse afastando-se um pouco Polydoro.

— Vamos experimental-os, tornou Malaquias alegremente, erguendo o braço com o revolver.

— Não, não, pediu enfiado Polydoro, depois d'almoço.

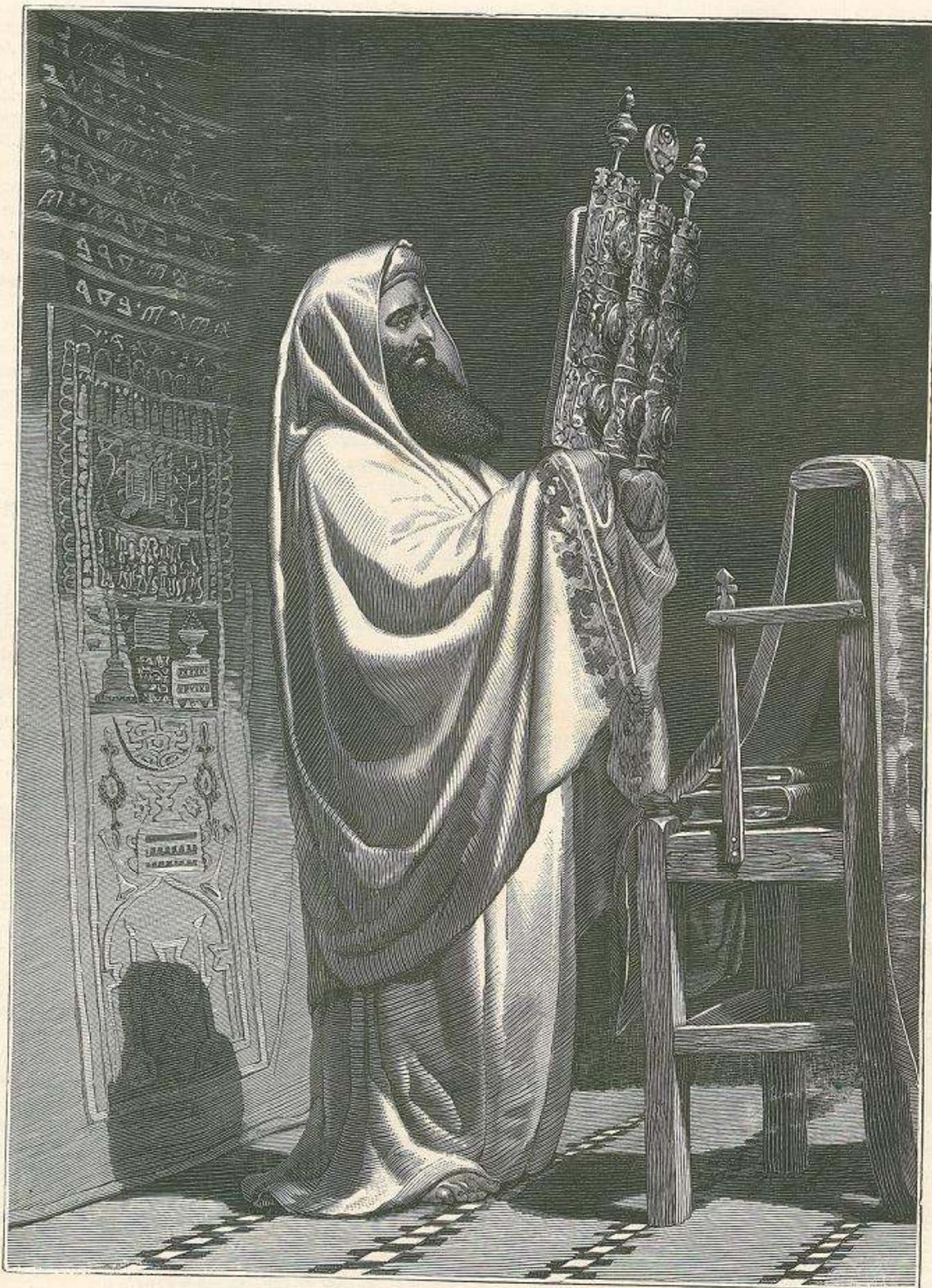
O almoço estava prompto. Almoçaram com um bello appetite.

— Agora vamos á Peninha, hein? disse Polydoro, pensando que o castello dos mouros seria um bom scenario para a tragedia.

Polydoro estremeceu. Um duello de morte a cavallo em dois jumentos, que ridiculo? pensou elle.

— Nada! é melhor no castello dos mouros!

— Está dito, no castello dos mouros!



O GRÃO-SACERDOTE DE NABLUS LENDO O PENTATEUCO

— Está dito, vamos ao almoço que já deve estar prompto.

E os dois desceram a serra, e foram até á Larança, o Malaquias fallando sempre a respeito do revolver, que era bonito, que parecia bonito, que não devia ter custado barato, etc.

Polydoro respondia a custo a estas perguntas.

— Vamos á Peninha! Manda lá vir dois burros, ordenou Malaquias ao criado do hotel.

D'ali a momentos os dois trepavam em burros a encosta da Pena.

— Vamos experimentar os revolvers, lembrou alegremente Malaquias, assim, a cavallo nos burros.

Chegaram, apearam-se e começaram a passear pelas estreitas ruas d'esse velho castello mourisco, Polydoro de vez em quando, levava a mão á algibeira e apertava a coronha do seu revolver.

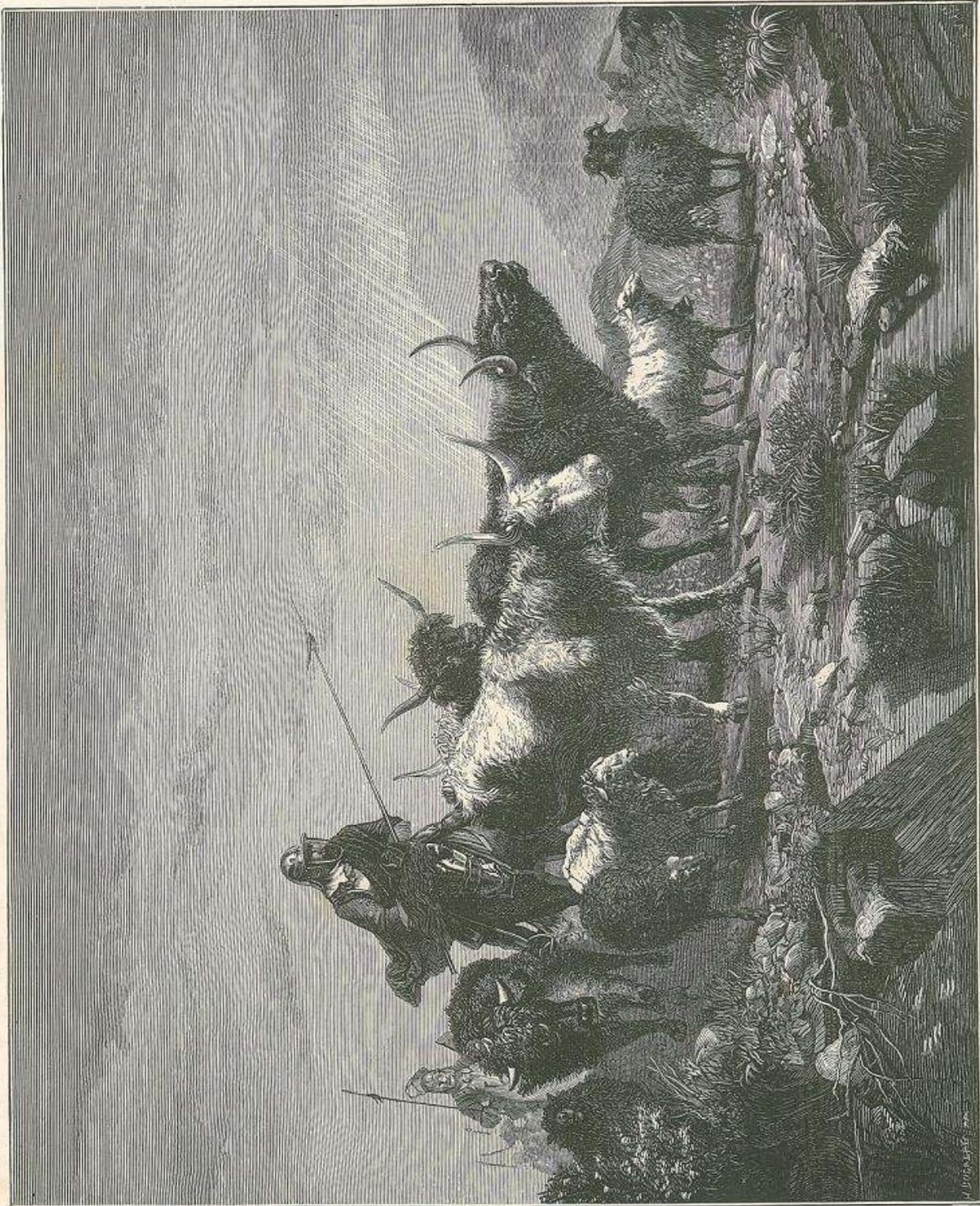
— Vamos lá a isto! disse Malaquias tirando o revolver da algibeira.

— A isto quê? perguntou tremulo Polydoro.

—A experimentar os revolvers; arranja lá um alvo.
 —Nada, nada não experimentes que está carregado balbuciou ainda Polydoro.
 —Oh! homem! pois com elles descarregados é que não é facil experimentar!

quanto Malaquias mettia tres balas na porta velha.
 —Ó Malaquias! gritou Polydoro cá da porta, anda d'ahi, vamos á Pena.
 E comsigo disse:

anda por ahi gente. Vamos nós chegando ao jantar!
 Jantaram, e durante o jantar Polydoro pensava:
 —A' noite, á noite na charneca é que é a occasião mais propria!



OS FORRAGEADORES

E Malaquias fez pontaria a uma porta velha que estava alem.
 O Polydoro atalhou, pondo-se logo atraz de Malaquias:
 —Não ouviste zurrar? Deixa-me ver não fugam os burros.
 E a correr foi ver o que era feito dos burros, em-

—Nada, na matta é melhor para o duello.
 Os dois entraram na quinta da Pena, passearam, beberam agua, viram a collecção de fetos do Chalet da madama, e por fim chegaram á matta.
 —Então não experimentas o teu revolveer? dá ao menos um tiro! disse o Malaquias.
 —Nada, aqui não, é uma propriedade paarticular,

Metteram-se no trem, compraram queijadas na Sapa.
 Quando chegaram á charneca Polydoro enchendo-se de animo bateu nos vidros.
 —Pára ahi! ordenou elle ao cocheiro com voz terrivel.
 O cocheiro parou.

—O que é isso? perguntou Malaquias vendo Polydoro aprear-se, vaes passear para a charneca?

—Não, já venho: não te apies.

Minutos depois Polydoro mettia-seno *coupe* e mandava seguir para Lisboa.

Entraram as portas, Polydoro foi pôr o Malaquias em casa e foi para a sua deitar-se: antes de adormecer porem fez as contas a quanto lhe importara o duello de morte:

Coupe, ida e volta	11\$500
2 almoços e 2 jantares	4\$800
Burros para ir á Serra	5960
Queijadas, 2 duzias	5400
Dois revolvers americanos	14\$000
	<hr/>
	31\$660

31\$660 rs. O preço do enterro do seu adversario em caixão á cova.

GERVASIO LOBATO.

HORAS DE OCIO

Embrulhada lexicologica

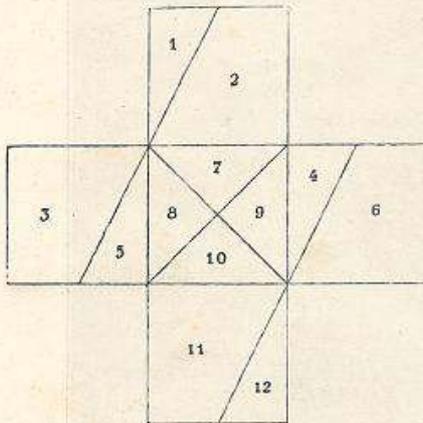
Um poeta inglez
Um orador atheniense
Um philosopho grego
Um philosopho inglez
Um poeta grego
Um poeta latino
Um naturalista inglez.

Formar com as iniciais o nome de um poeta allemão.

GUALDIM ZOROASTRO.

Problema geometrico

Com os diferentes pedaços d'esta cruz, formar um quadrado perfeito.



Vizeu.

A. MARQUES GUEDES.

Enigma anagrammatico

Tira o rei d'esta cidade,
mette dentro um boi do Lacio,
fazes cidade mais nobre,
dás-lhe rei, côrte e palacio:

GANDAREZ

Anagramma

As direitas, tempo
Invertido, espaço,
De um e de outro modo
sempre um verbo faço.

MONGE D'OSSEIRA

Soluções dos problemas do n.º 7

Charadas novissimas.—1.ª Parábola, 2.ª Camarista, 3.ª Remilhão. (A de Hamlet) Homologo.

Lexicologia.—Junta-se a letra c, e obtém-se as oito palavras *Chora, Parco, Médico, Facto, Clima, Balcão, Crato, Boca.*

Charada.—Charada.

Soluções certas

Charadas novissimas.—Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), Hamlet (Merceana), Ociosos de caçadores 4 (Tavira), A. Marques Guedes (Vizeu), Edipo, Carmelita, Benedicta Barros (Setubal), Abilio Cordeiro, B. M. (Vianna do Castello).

Lexicologia.—Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira) Ociosos de caçadores 4 (Tavira), Vichnú, Carmelita, Abilio Cordeiro, Acertei? (Loulé), Candido, Monge de Osseira (Pitões de Junias).

Charada.—Edipo, Monge de Osseira (Pitões de Junias).

Nota

Tantas pessoas nos enviaram soluções erradas da charada de Carmelita que nos julgamos obrigados a explicitar-a.

Se em Macau tu me procuras—chá
Has-de em mim primeiro entrar—rada

Ninguém estranhará que se vá buscar chá a Macau, que faz parte da China, e ninguém, indo da Europa, pôde entrar em Macau, sem entrar primeiro na rada de Macau que assim chamam os marinheiros, apesar do gallicismo, ao porto d'essa cidade.

ROSICLER

NOCTURNOS

(A Gonçalves Crespo)

São um mundo de enlevos christalinos,
em estrophes subtis e perfumadas,
onde ha os rendilhados manuelinos
e o sublime das almas inspiradas.

Em cada verso poemas peregrinos,
suaves como a luz das madrugadas,
e meigos como cntes pequeninos
quando beijam as mães idolatradas!

Um colorido «bouquet» de fina essencia
onde vae divagar a phantasia
com a mais encantadora inconsciencia,

onde a alma se arrebatada, se inebria,
onde o espirito se enleva com vehemencia
como n'um céu mimoso de alegria.

VICTOR NARCEU.

CORRESPONDENCIA

Victor Narceu—Deve perceber o motivo do engano. O soneto estava já composto, e foi retirado á ultima hora por exigencias da paginação. Não lembrou porém mudar o summario.

Agradecemos muito as palavras amaveis que nos dirige, e a fina cortezia com que tirou a mascara: Nada nos será mais agradável do que manter com o nosso delicado correspondente as mais cordiaes relações.

Etzevir—Não tem sido esquecido. Nas suas charadas e enigmas teria de se fazer um certo rateio, mas alguma coisa ha-de apparecer. Deviamos-lhe esta explicação, porque effectivamente as suas produções dormem ha muito tempo na nossa gaveta. Mas então que quer? A offerta é maior do que a procura.

Incerteza—Desculpe-nos, mas esta poesia é muito grande. No nosso tempo está-se embirrando prodigiosamente com essas revelações amorosas, e o nosso talentoso correspondente conta ao publico em quatorze quadras as torturas que lhe inflige a sua amada. Essas coisas, hoje, têm de se dizer mais depressa. E, depois, vejâmos — não se zanga comnosco, porque já lhe dissemos, e é verdade, que tem merecimento verdadeiro — esta *Incerteza* distingue-se pela novidade? Bem sabemos que ainda hoje o melhor modo de chamar bonita a uma mulher é chamar-lhe «rosa» e «anjo lindo do Senhor», mas a miragem, mas a borboleta que se queima na luz, tudo isso é tão velho, Deus do céu! E aquelle calix de amargo fel! Note uma coisa, esta poesia ha vinte annos fazia excellente figura, porque não tem realmente outro defeito senão o estar *démodé*, e ter dois versos errados

Minh'alma, á simples vista

Eu só trago — amargura.

Se nos não enganamos, temos por cá poesia sua melhor do que esta, e, se a não tivermos, supponnos que não ficará mal comnosco, e que nos enviará coisa que faça melhor figura.

Mascotte—Agradecemos muito as suas charadas que irão brevemente. A decifração da charada de Carmelita e a da Lexicologia não estava certa como V. Ex.ª pôde vêr na secção competente. Folgamos porém de contar entre as nossas collaboradoras, que tambem as temos, senhora que escolhe tão venturoso pseudonymo, e que tem tão gentil calligraphia.

J. Hail M.—Tenha paciencia, mas d'esta vez zangamo-nos. Pois então o senhor agarra n'aquelle delicioso soneto de Soulyar—os *Dois cortejos*, e dilú-o em vinte e quatro versos de redondilha menor! Por amor de Deus! Depois que systema é o seu de rimar?

Encontram-se na igreja
Dois cortejos — um é funebre
Uma mulher quasi louca
Segue-o com rosto lugubre.

Então *funebre* rima com *lugubre*? E que systema é o seu de metrificar?

O outro é d'uma eriança
Que na sacra pia baptismal
Lavar vae dos primeiros paes
O peccado original!

Nós conhecemos uma traducção assim: é a do *Sire de Framboisy*, feita por Duarte de Sá.

D. Ruy de Frambroez
Quiz tomar estado,
Passado pouco tempo
Arrependeu-se da asneira que fez.
Foi guerrear
Contra o povo irlandez
Andou por lá
Muito e muito mez.
Quando voltou encontrou a mulher
N'um jardim chinez.

A moral d'esta historia
Em muito bom portuguez
É que entre marido e mulher
Só deve haver differença de um mez

Mas esta traducção, que nos parece que vê pela primeira vez a luz do dia, era feita de proposito, e servia a Duarte de Sá para a cantar, fazendo prodigios de gymnastica para metter os versos na musica, entendendo uns, encolhendo outros, e o sr. Hail M. parece-nos que é muito a sério que inflige ao soneto de Joséphin Soulyar as torturas de que acabamos de dar um specimen. Não temos presente o livro dos sonetos

de Soulyary, mas, se a memoria nos não atraiçoa, o ultimo verso dos *Dois cortejos* é o seguinte:

La mère toute en pleurs sourit au nouveau-né

que o sr. Hail M. traduz da seguinte maneira:

A mulher desconsolada
Os chorosos olhos vira,
E sorri como cara mãe
P'ra a criança baptisada.

O sr. Hail M. tem alguns motivos de queixas do sr. Soulyary? Por força que tem. Se fosse indio, amarrava o poeta francez ao poste do supplicio, crivava-o de settas, juntava um bando de velhas para lhe atirarem pedras, e afinal matava-o, assava-o, e comia-o com batatas fritas. Como não é indio, vae-se a um soneto do pobre Soulyary, e decepa-lho verso a verso, submettendo cada um d'esses versos ás torturas que acabamos de indicar.

Agora sério, sério, e desculpe-nos esta supposta indignação, o que nos parece é que o sr. Hail M. tem uma grande inexperiencia de arte de traduzir em verso. Sirva-lhe esta ensaboada para o obrigar a ser mais cuidadoso. Em primeiro logar um soneto nunca se pôde traduzir senão por outro soneto. Tem essa forma de poesia qualidades que lhe são peculiares, e que não se pôdem transportar para outra forma qual quer. Se tem deveras grande amor ao soneto de Soulyary, que é effectivamente encantador, dê-lhe segunda avançada, mas a traduzil-o, traduz-a-o d'esta vez em soneto tambem.

UM PASSADO TENEBROSO

(ROMANCE PELO AUCTOR DA HEROINA DO MAL)

(Continuado de pag. 80)

— Retribuo-te ambas as coisas, respondeu o interlocutor... Mas dize-me: estás resolvido a ficar parado aqui na rua? indica-me um logar, em que possamos encontrar-nos, e dentro de meia hora, lá vou. Estou a...

— A espreitar alguém, bem sei. Pois tambem eu.

— Maroto! quem te disse?

— Seguimos ambos o mesmo sujeito, que entrou n'aquella casa.

Gibraltar ficou espantado.

— Olha, vem comigo; eu te direi tudo o que dejesas saber.

E foram para um café proximo. Depois de ter abancado n'um canto, o italiano disse ao companheiro:

— Ha tres annos, que nos não vemos. Sabes que sou teu amigo; por consequencia conta-me os teus negocios.

— Outro tanto podia eu pedir-te, disse Gibraltar; mas o tom protector, em que me fallas, leva-me a crer que não tens sido maltratado pela sorte. Ouve lá: Até ao momento da guerra vivi como sabes; depois veio o cerco de Paris e a Communa; não quero narrar-te as minhas proezas... a minha historia é a de todos os meus companheiros. Distinguindo-me como coronel — seja dito sem vaidade — tive a fortuna de escapar á gente de Versailles, e eis-me em Bruxellas n'uma situação pouco prospera, como é de suppôr. Moro n'um antro na rua tão bem denominada *Noite e Dia*, e dão-me umas comidas tão irregulares como pouco alimenticias.

— Mas não deixas de receber soccorro dos teus generosos compatriotas?

— Ora! ha tantos nas minhas circumstancias... Mas... mudemos d'assumpto. Que diabo querias tu dizer a respeito de um sujeito, que ambos seguimos?

— Não te faças esperto, Gibraltar. Tu andas na pista de um homem que frequenta assiduamente a casa, que te mostrei, habitada por um tal Desherbiers, avô de uma formosa creatura chamada Paulina, que vae casar com o nosso homem.

A estas palavras o ex-coronel da Communa deu um murro na meza com tanta força, que assustou o italiano, o qual veio a conhecer que semelhante gesto era a expressão d'uma alegria, satanica talvez, pelas palavras, que se lhe seguiram.

— Ah! ella vae casar! Então não me enganei...

Pois olha: sou muito pobre; mas ainda assim, no momento actual, eu antes queria que ella cazasse fosse com quem fosse, do que ter dez mil francos. Ainda hei de ser feliz n'este mundo, olá!

— Que significa o teu riso amarello?

— Filho da nobre Italia, cumpre o que me prometteste: conta-me o que sabes do noivo, e como te achas mettido n'este negocio.

— O que sei? Chama-se Donaciano de Monaville, é visconde, e tem uma boa fortuna.

— Se a coisa está tão adiantada, já elle deve ter informações da familia da noiva.

— De certo. Sabe que o avô morou em Tours, depois em Meudon, em Paris, que é rico e muito considerado. Conheces os Desherbiers?

— Agora digo-te eu: não te faças esperto comigo: guarda os teus segredos que eu guardo os meus. Mas nós podemos auxiliar-nos, como tambem podemos guerrear-nos, não é verdade?

Luiz olhou para o relógio, um bello relógio de ouro:

— Tenho de deixar-te; quando te poderei ver outra vez?

Gibraltar tirou da algibeira uma reles carteira, escreveu com o lapis, rasgou uma folha, e deu-a ao italiano.

— Muito bem, disse este; breve nos encontraremos. Por enquanto acceta o obolo da amizade.

E entregou-lhe duas peças de cinco francos, que elle metteu na algibeira sem agradecer, como se fosse pagamento d'uma divida.

Instantes depois separaram-se: San Marco para ir ter com o visconde ao sitio combinado, e Gibraltar para ir beber mais uns copinhos e metter-se na cama.

XIII

No dia seguinte receberam os Desherbiers a visita de uma senhora, que devia ter sido formosissima, a quem Paulina tratava por madrinha, e que se chamava Zelia Martinpré. Conversação e maneiras, eram de uma pessoa de esmerada educação.

Disse que viera a Bruxellas para ver a afilhada, e visitar o campo da batalha de Waterloo, em que seu pae tinha morrido.

Decidiram ir todos ao celebre theatro da derrota de Napoleão I, quando chegou Donaciano, que tambem quiz fazer parte da caravana.

Como San Marco insistia na apresentação a Paulina, o visconde combinou com elle que estivesse na estação, como por acerso, e que lá o apresentaria.

Assim aconteceu, e o italiano foi convidado para o passeio.

Luigi estivera na vespera muito tempo com Gibraltar no café, e tirando o lenço, deixou cabir um papel, que o companheiro apanhou sem elle ver, eem que o visconde o prevenia da hora da partida, e lhe dizia que na estação havia de conhecer Paulina, os avós e a madrinha.

O ex-coronel resolveu logo estar em Waterloo antes da hora marcada, e aproximar-se de Paulina dêsse por onde dêsse.

Foi, e não perdeu de vista um só instante os personagens, que o tomaram por um camponez d'aquella região, desejo talvez de que o chamassem para servir de cicerone.

Ás seis horas fallou-se em ir andando para a estação; mas o céu estava coberto de nuvens grossas; e dentro de pouco tempo rebentou uma trovoadá medonha.

Os excursionistas não tinham abrigo de especie alguma, e quando chegaram á aldeia estavam cansadissimos e molhados até aos ossos.

Entraram no primeiro hotel, que lhes appareceu, e não pensaram mais em voltar para Bruxellas aquella noite. Mandaram preparar ceia e quartos. Os homens enxugaram-se como puderam, as senhoras serviram-se d'umas coisas, que lhes trouxe a hospedeira, e todos acharam graça á inesperada peça, que o tempo quiz pregar.

Passou-se a noite agradavelmente, e n'um gabinete proximo havia alguem, que não perdia uma palavra, um gesto dos que estavam na sala. Era Paulo Gibraltar.

Ainda não tinha tido occasião de fallar a Paulina; mas foi conversar com a creada, e soube qual o quarto, que lhe estava destinado.

Oh! ventura! O quarto dava para um jardim, tinha uma janella distante do solo coisa de tres metros, e ao lado erguia-se uma arvore, d'onde se podia ver para dentro.

Subiu para a arvore, e calculou o modo de saltar para a janella, sem pensar nas consequencias, como leitor assiduo, que era, dos romances de Rocambole, e frequentador do theatro do Ambigu.

Paulina appareceu, dirigiu-se para a janella, e abriu-a para contemplar o campo, que a lua prateava com a sua luz suave, porque a tempestade passára, e fazia um tempo encantador.

Na extremidade do jardim Luigi San Marco estava sentado n'um banco, fumando um charato á espera do visconde, que ficára de vir ter com elle, depois de se despedir da noiva.

Paulina passados alguns momentos sahio da janella, mas voltou logo, porque sentiu a arvore agitar-se de um modo particular.

N'esta occasião achou-se rosto a rosto com um homem que pretendia entrar no quarto.

Sem perder tempo em pensar no perigo, que podia correr, lançou-se instinctivamente para deante afim de repellar o aggressor, e gritou por soccorro. Ouviu então uma voz, que lhe dizia baixinho:

— Não tenha medo, Paulina... sou eu... é Paulo. Em nome de Deus, escute-me!

E ao longe sentiam-se vozes, que diziam:

— Foi ella que chamou... o que será? Vamos depressa!

— Oh! que horror! disse o italiano. Um homem á janella!

— Miseravel! exclamou o visconde; desce, ou morres. Socega, minha querida Paulina, estamos aqui.

O refugiado percebeu logo que a sua situação era grave. Em baixo havia dois homens robustos, que lhe cortavam a retirada; o unico meio de salvação era penetrar no quarto e fugir por lá.

Tinha quasi saltado para dentro, quando Paulina se precipita de novo sobre elle, fazendo-o perder o equilibrio. Cahiu para traz, produzindo no jardim um ruido surdo.

Ao ruido seguiu-se uma luta, e gritos alternados. O miseravel, instantes depois, levantou-se, e encontrou pela frente Donaciano e Luigi. Apesar da sua grande força, e da rapidez dos movimentos, conheceu que ia succumbir, e com a velocidade d'um raio tirou um pequeno revolver, que tinha no palletot. Fez pontaria a Donaciano, dizendo que, posto este fóra do combate, dar-se-hia a conhecer a San

Marco, de quem nada temia. Mas enganou-se. O italiano ouvindo a detonação, exclamou:

— Ah! scelerado! assassino!

E com um punhal feriu Gibraltar no peito... Este deu um rugido selvagem, e cahiu por terra, conservando-se o visconde de pé... A bala não o ferira.

Tudo isto passou-se em tres minutos, e os dois amigos não tinham podido vêr quem era o desconhecido. Quando elle cahiu, Donaciano exclamou:

— É o homem, que vimos umas poucas de vezes esta tarde.

San Marco observou-o, e recuou dando um grito. Tinha reconhecido Paulo Gibraltar, que na lucta

gue frio e acordou o hospedeiro, pedindo-lhe que o acompanhasse sem barulho.

Dirigiram-se ambos ao jardim, onde encontraram Luigi e Donaciano debruçados sobre o ex-coronel, para verificarem se elle estava morto ou vivo.

O velho, que já sabia pela neta quem pretendia entrar-lhe no quarto, vendo o corpo não careceu de mais prova nenhuma.

— Então? perguntou ancioso. Ainda vive?

— Felizmente vive... Creio até que a ferida não é mortal. Vae tornando a si...

— Pois será possível, meu Deus? disse Desherbiers.

Uma voz cavernosa respondeu:

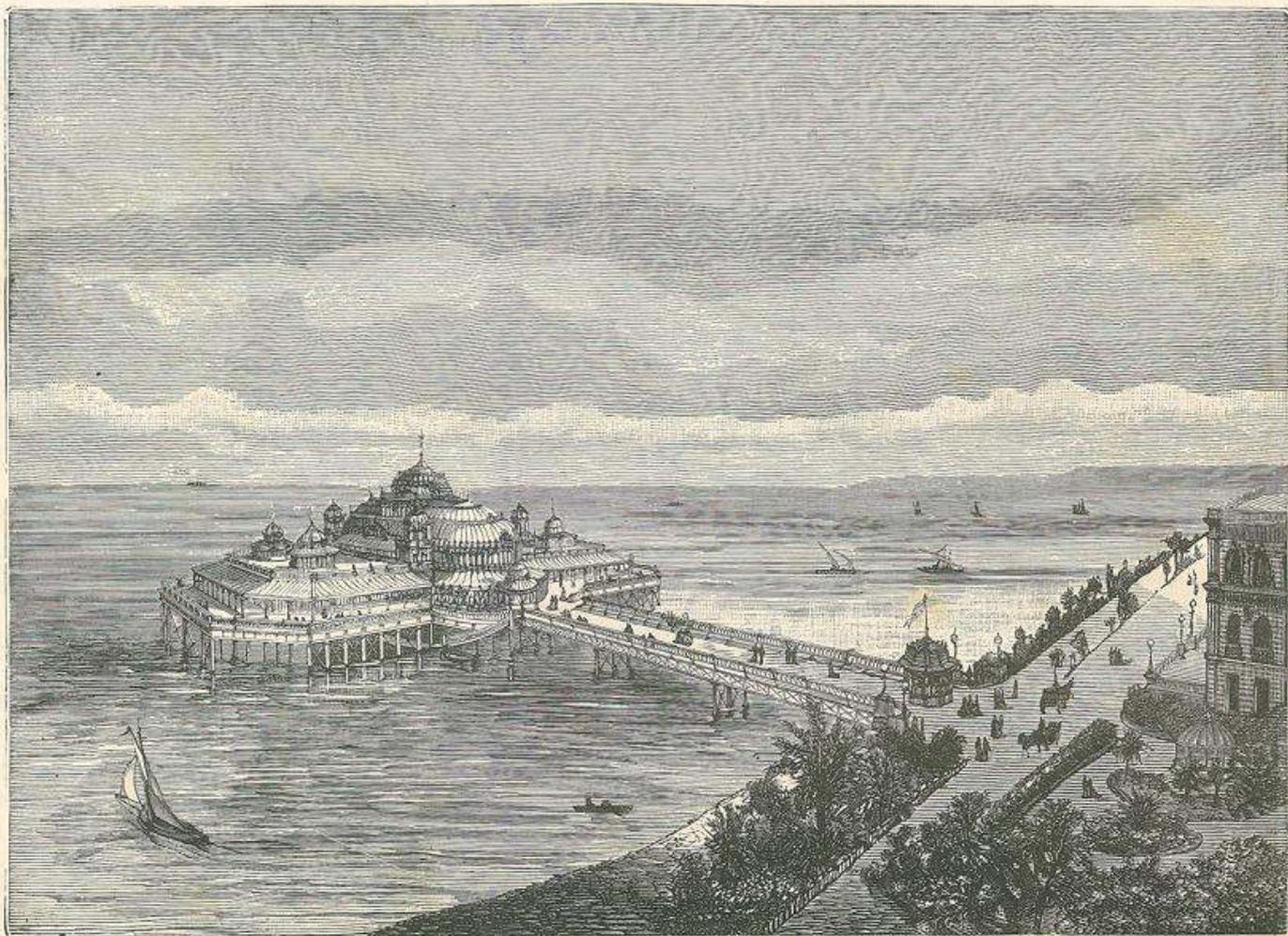
faltaram-lhe as forças e cahiu no chão, ficando immovel.

— Foi uma syncope, disse Luigi; diavolo! o caso é grave. Vamos, Donaciano, ajuda tambem.

Levaram-n'o para o rez-do-chão, estenderam-n'o n'uma cama, e examinaram a ferida. Viram que nenhum dos órgãos vitaes estava offendido. Effectivamente d'ahi a pouco tempo Gibraltar tornou a si.

Durante esse tempo Desherbiers teve uma conversação com o dono do hotel, que lhe pronunciou as seguintes palavras:

— Prometto guardar silencio, porque o senhor diz que é um segredo de familia. Demais a mais ninguem ouviu; senão tinham-se levantado... Depois... não



O NOVO CASINO DE NICE

perdêra todos os objectos que o tornavam desconhecido.

— Oh! meu amigo, disse o italiano consternado, é uma complicação deploravel...

— O que? perguntou o visconde.

— O homem que receio ter mandado para o outro mundo é... Gibraltar... sabes?

— E queria entrar de noite no quarto de Paulina! exclamou Donaciano, sentindo no coração e no cerebro uma violenta commoção.

XIV

Emquanto isto se passava, Paulina, cheia de susto, fugiu para o quarto do avô, contou-lhe o que succedera, e foi ter com a madrinha.

Justino Desherbiers levantou-se com o maior san-

— É provavel, e até certo.

E Gibraltar sentou-se, passeiando os olhos em torno.

— Eu bem sei, continuou elle, que ha muito quem deseje vêr-me debaixo da terra, mas ainda não é d'esta... Ai! ai! que dôr!

E cahiu para traz.

— Este homem não pôde ficar aqui. Haverá algum quarto perto, para onde o levemos? perguntou Justino ao dono do hotel.

— Ha, respondeu o interpellado, e vou já mandar chamar o medico.

— Por ora não, por ora não, disse o ferido... Eu me curarei... não é a primeira vez... San Marco, ajuda-me... Coitado... não sabias quem era...

Quiz levantar-se com o auxilio do italiano, mas

faz bem ao estabelecimento a vinda da policia para indagações...

Desherbiers com esta promessa foi ao quarto do ferido, que ao vêl-o disse-lhe d'um modo grave:

— Preciso fallar-lhe já.

— Às suas ordens, tornou o velho.

(Continua).

EXPEDIENTE

Fomos obrigados a demorar a expedição do presente numero em consequencia de haver chegado a Lisboa, em 10 do corrente, com um grande atrazo e avarias na machina o vapor *Venus*, que trouxe o papel. Este facto muito extraordinario dispensa-nos de maior desculpa. Esperamos poder publicar o n.º 12 na quinta-feira 17.

No proximo numero publicaremos uma gravura de pagina representando S. Francisco Xavier na India

Typ. e lith. Portuguesa, Calçada do Tijolo, 39, á Rua Formosa